

A organização da coletânea percorre três movimentos conceituais que se complementam: o filme como documento e fonte histórica; resistência, memória e contra-arquivo; gênero, raça, representações e pedagogias. Essa arquitetura temática convida a pessoa leitora não apenas a conhecer pesquisas singulares, mas a perceber, ao longo da leitura, uma cartografia das possibilidades que o audiovisual abre para a investigação histórica.

Esta publicação é fruto dos recursos e incentivos do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (PPGHIS-UNILA).

A relação entre História e Cinema é hoje um dos campos mais férteis e renovados da historiografia contemporânea. Desde as formulações clássicas de Marc Ferro sobre o filme como agente e fonte da história, passando pela virada cultural e pelos debates sobre memória e representação, o audiovisual consolidou-se como objeto legítimo e privilegiado da pesquisa histórica. Filmes na História é uma contribuição a essa tradição, e, ao mesmo tempo, uma expansão de suas fronteiras.

Esta coletânea reúne doze pesquisas originais de brasileiros e estrangeiros latino-americanos vinculados a universidades públicas brasileiras. Os capítulos, dez escritos em português e dois em espanhol, analisam filmes de ficção, documentários e cinejornais produzidos entre as diferentes décadas, abordando temas como a construção de heróis fundadores no cinema norte-americano, o papel do cinejornal como propaganda de Estado no Brasil getulista, o cinema documental peruano como contra-arquivo do velasquismo, a memória da prisão política e da luta pela anistia, as estruturas coloniais de saúde no cinema africano, as representações de gênero e raça no cinema novo brasileiro e na cinematografia argentina, o gênero horror como veículo de memória política, e o uso pedagógico do cinema no ensino de história ambiental.

Ao apresentar abordagens diversas, da análise fílmica à história oral, da crítica feminista à musicologia histórica, o livro demonstra que não há uma única maneira de fazer dialogar filmes e história: há, antes, múltiplos pontos de entrada, distintas perguntas e diferentes apostas metodológicas. É essa pluralidade que confere ao volume sua coerência mais profunda: a de que filmes podem estar presentes em qualquer pesquisa historiográfica, e de que toda pesquisa histórica ganha quando decide olhar para as telas.



Carla Rabelo

FILMES NA HISTÓRIA

RUNAN CAYCU

LUTAS ANTICAPITAL

FILMES NA HISTÓRIA

ORG.
Carla Daniela Rabelo Rodrigues

Filmes na História reúne doze pesquisas, dez escritas em português e duas em espanhol, que se encontram no cruzamento entre dois campos do saber, a História e o Cinema, e que demonstram, por diferentes vias, como o filme pode ser muito mais do que entretenimento ou ilustração: ele é arquivo, testemunho, contra-memória, documento, linguagem e, também, sujeito de disputas históricas.

Os trabalhos reunidos nesta coletânea exploram filmes produzidos em diferentes países e períodos, do cinema mudo norte-americano às produções latino-americanas contemporâneas, passando pelo cinema novo brasileiro, pelo documentarismo peruano dos anos 1970 e pelo cinema de vanguarda europeu, revelando que o diálogo entre historiadores e filmes não obedece a uma única metodologia nem se restringe a um único tipo de fonte. Cada capítulo propõe um encontro singular: ora o filme é lido como propaganda de Estado, ora como instrumento de resistência, ora como construtor de mitos nacionais, ora como espaço de visibilização de sujeitos historicamente silenciados.

FILMES NA HISTÓRIA

Carla Daniela Rabelo Rodrigues (org)

Carla Daniela Rabelo Rodrigues (org)

FILMES NA HISTÓRIA



PPGHIS

Programa de Pós-graduação
em História

1ª edição

LUTAS ANTICAPITAL

Marília/SP – 2026

Editora Lutas Anticapital

Editor: Julio Hideyshi Okumura

Conselho Editorial: Andrés Ruggeri (Universidad de Buenos Aires - Argentina), Bruna Vasconcellos (UFABC), Candido Giraldez Vieitez (UNESP), Claudia Sabia (UNESP), Dario Azzellini (Cornell University – Estados Unidos), Édi Benini (UFT), Fabiana de Cássia Rodrigues (UNICAMP), Henrique Tahan Novaes (UNESP), Julio Cesar Torres (UNESP), Lais Fraga (UNICAMP), Maurício Sardá de Faria (UFRPE), Mauro Iasi (UFRJ), Neusa Maria Dal Ri (UNESP), Paulo Alves de Lima Filho (FATEC), Renato Dagnino (UNICAMP), Rogério Fernandes Macedo (UFVJM), Tania Brabo (UNESP).

Projeto Gráfico e Diagramação: Ed. Lutas Anticapital

Capa: Manuela Sanchez (@contextos_criticos)

Revisão e normalização (português): Leandro Dorval Cardoso

Revisão e normalização (espanhol): Lenita Dittrich Vieira

Esta publicação é fruto dos recursos e incentivos do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (PPGHIS-UNILA).

F487 Filmes na história / Carla Daniela Rodrigues (org.). – 1. ed. – Marília :

Lutas Anticapital, 2026.

338 p. : il.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5279-072-9

1. Cinema e história. 2. Documentário (Cinema). 3. Filmes históricos.
4. Filmes de ficção. 5. Memória coletiva. I. Rodrigues, Carla Daniela.

CDD 791.437

Ficha elaborada por Telma Jaqueline Dias Silveira

CRB 8/7867 FFC – UNESP – Marília

1ª edição: julho de 2026

Editora Lutas Anticapital

Marília –SP

editora@lutasanticapital.com.br

www.lutasanticapital.com.br

@editora_lutas_anticapital

Capítulo 12

Posibilidades y límites del uso de obras cinematográficas en la enseñanza universitaria de Historia Ambiental: experiencias docentes y reflexión epistemológica

Silvia Lilian Ferro

Introducción

El uso de films como recursos didácticos en la enseñanza de la Historia ofrece posibilidades ampliamente discutidas desde la segunda mitad del siglo pasado, en el contexto de masificación de la TV y creación de públicos cinematográficos. Particularmente, desde las contribuciones de Marc Ferro (1992 [1977]), se viene discutiendo en ambientes académicos el potencial del cine como fuente y como tipo particular de narración histórica.

Esta discusión adquiere especial relevancia cuando el cine es considerado como posibilidad didáctica, abordada desde un enfoque generacional, pues se adapta a lenguajes audiovisuales masivos, en un entorno de difusión acelerada de tecnologías de información y comunicación (TIC) desde el último tercio del siglo anterior. Las TIC estimulan experiencias sensoriales inmersivas ante la cultura del libro de texto “opaco” que predomina aún en las aulas, especialmente de nivel

universitario. En esta línea, Edgar Dale, referente mundial del aprendizaje experiencial, sostiene, en su “cono de la experiencia” (1969), que las imágenes en movimiento facilitan la retención cognitiva hasta en un 65%, superando métodos pasivos como la lectura textual, lo que resultaría ideal para generaciones digitales nativas, como las que actualmente llegan a los sistemas educacionales de todos los niveles.

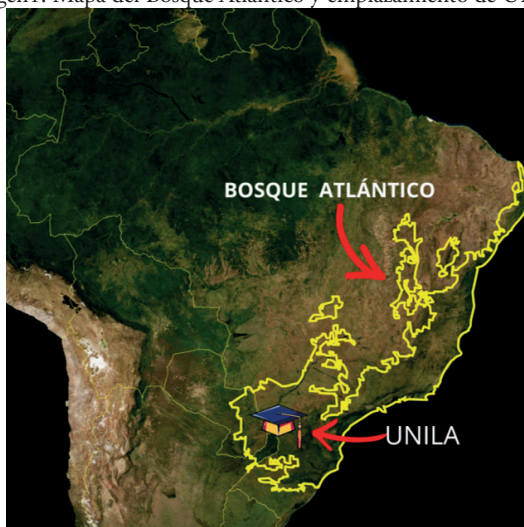
De igual modo, David Buckingham, experto global en medios educativos, argumenta indirectamente que el cine no solo entretiene, sino que cultiva la alfabetización mediática crítica en jóvenes expuestos a narrativas fragmentadas (Buckingham, 2003), como se observa actualmente con la masificación del uso de redes sociales. Bácares Jara (2023) realiza una sistematización diacrónica de posiciones favorables al uso del cine en las aulas, pero advierte que es oportuno contrastar los discursos favorables con las prácticas en sala de aula de los diferentes niveles educacionales, puesto que cabalgamos sobre una renovación digital muy acelerada, que desafía a docentes, estudiantes y gestores de formas aún poco comprendidas. Este trabajo se propone reflexionar sobre ello, entre otros aspectos epistemológicos a considerar, basándose en una concreta experiencia docente en educación superior, nivel de pregrado, entre 2015 y 2024.

Por tratarse de los primeros semestres de pregrado y por la misión institucional de la propia universidad, uno de los bloques temáticos de contenido en asignaturas (*disciplinas*) de Fundamentos de América Latina, que forman parte del Ciclo Común¹ de UNILA, se centró en abordar la espacialidad de los filmes y de la propia universidad desde enfoques propios de la Historia Ambiental (HA). El bioma trinacional en donde la universidad está emplazada y donde transcurren muchas de las escenas de los films seleccionados, es el Bosque Atlántico (*Mata Atlântica*), que fue

¹ Las materias (*disciplinas*) del Ciclo Común de Estudios, comunes y obligatorias para los estudiantes de primer y segundo año de todas las carreras (*cursos*) se organizan en 3 ejes: Fundamentos de América Latina I, II y III; Introducción al pensamiento científico y Ética y ciencia; Lenguas: español y portugués hasta el nivel intermedio. La enseñanza de estas lenguas cumpliría la función de hacer posible el bilingüismo estatutario de la universidad, teniendo en cuenta que cerca del 70% de la matrícula estudiantil realmente existente es brasileña, porcentaje similar entre docentes y casi el 100% del personal administrativo es brasileño lusohablante.

abordado también como sujeto histórico, lo que permite considerar las escalas temporales y periodificaciones que relativizan el determinismo de demarcaciones fronterizas propias del estado-nación, una realidad demasiado reciente en términos ambientales. Este bioma cuenta con 50.000.000 de años de existencia, anterior incluso al bioma amazónico; en él habría presencia humana identificada entre 15.000 y 30.000 años, según diferentes teorías sobre poblamiento sudamericano. El proceso de conquista europea en el continente americano solo sobrepasa los cinco siglos y los estados nacionales donde actualmente su territorio se extiende – Argentina, Brasil y Paraguay – cuentan con pocos años más que un bicentenario de existencia.

Imagen1. Mapa del Bosque Atlántico y emplazamiento de UNILA



Fuente: Elaboración propia a partir de Google Earth

El cine, tanto el de ficción como el documental, mantiene su carácter de innovación como recurso didáctico en la enseñanza de la HA puesto que posibilita comprender de forma “situada” interacciones entre humanos y sus entornos, independientemente del hilo argumental de la historia contada, que puede o no ser antropocéntrica, pues la espacialidad concreta es indispensable en su narrativa.

Cuando el recorte espacial y cultural es América Latina, ante la pregunta sobre la temporalidad de los problemas en la relación de las sociedades con el ambiente que las posibilita, la respuesta no puede ignorar la experiencia colonial, ofreciendo un conocimiento histórico comprensible en contextos actuales, pero – y siguiendo a Dean (1994) – sin caer en el reduccionismo de que el impacto ambiental inició en la etapa colonial. Eso en virtud de que una diversidad de sociedades humanas existía y dejaba su huella ecológica desde hace por lo menos 15.000 años, según las teorías más conservadoras del poblamiento americano (Silva; Rodrigues-Carvalho, 2006). La dominación colonial en las Américas, hito histórico enmarcado en los 1000 años de expansión europea – 900-1900 – por el mundo (Crosby, 2011), aceleró y profundizó el desequilibrio en la relación entre sociedades humanas y ambiente, en especial desde la Revolución Industrial iniciada a finales del siglo XVIII, a través de la implantación a escala global de modelos sociales, económicos y culturales en esos territorios y más allá – a los que Crosby llama de “neoeuropas”, definiendo así aquellas regiones geográficas situadas fuera de Europa que, debido a la colonización europea, experimentaron una transformación drástica, convirtiéndose en sus réplicas biológicas y culturales.

Por ello y entre otros recursos didácticos, se seleccionaron dos *films*: *The Mission* (La Misión, 1986), del británico Roland Joffé, y *Zama* (2017), de la argentina Lucrecia Martel. Ambas piezas fílmicas narran y representan eventos que habrían ocurrido en el siglo XVIII en el espacio colonial de la Cuenca del Plata², utilizados como recur-

² Por Cuenca del Plata, la *Méditerranée* de los sudamericanos del sur, nos referimos al espacio hídrico-territorial con un área aproximada de 3.170.000 km², la segunda mayor de Sudamérica después de la Cuenca Amazónica y quinta en el mundo por superficie y cantidad de cursos de agua. Dos grandes ríos confluyen en el Río de la Plata: el Paraná y el Uruguay que, a su vez, recogen el caudal de otros ríos muy importantes. La gestión compartida transnacional de su extenso territorio es imperativa porque la Cuenca abarca territorios de cinco países en la actualidad: Argentina, Paraguay, Brasil, Bolivia y Uruguay; por ello, en 1969 se impulsó la creación del Tratado de la Cuenca del Plata, uno de los antecedentes del proceso de integración regional que culminó en el Tratado de Asunción (1991), que creó el MERCOSUR. La Unila, de vocación integracionista, está situada en la ciudad de Foz do Iguaçu, en proximidades de la conjunción de los ríos Paraná e Iguazú

sos didácticos para discutir temas, conceptos, métodos y debates de la Historia Ambiental.

Imagen 2. Mapa de la Cuenca del Plata con localizaciones territoriales aproximadas donde habrían ocurrido sucesos narrados por *The Mission* (1) y *Zama* (2) y emplazamiento de UNILA



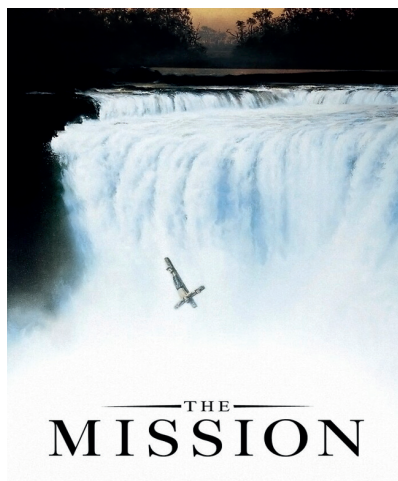
Fuente: Elaboración propia sobre la base de mapa publicado en <https://cicplata.org/es/mapas-de-la-cuenca/>

El cine fomenta debates sobre agencia ambiental en contextos históricos y las piezas cinematográficas seleccionadas para este análisis permiten la visualización de la representación de procesos históricos, incluido el ambiente en el que se producen. Ellas posibilitan confrontar la representación *mainstream* de una Historia-Ciencia latinoamericana, abrazada a su antropocentrismo de tintes modernistas y centrada en dinámicas relacionales, desigualdades y violencias dentro de la especie humana, pero ignora cómo esas mismas formas jerárquicas y violentas

que, a su vez, funcionan como divisas entre Brasil y Paraguay, el primero, y entre Brasil y Argentina el segundo, moldando hídricamente el territorio transfronterizo.

de relacionarse, constitutivas de la experiencia humana en su devenir histórico, se proyectan en sus relaciones con otras especies y con el entorno que posibilita la vida de todos los seres, incluidos los humanos.

Imagen 3. Poster recreado a partir del original del film



Fuente: <https://www.redbubble.com/i/poster/The-Mission-1986-by-Maestromaca/>

Imagen 4. Póster original del film



Fuente: 55th New York Film Festival, 2017.

Un subcampo epistemológico en construcción y debate

Siguiendo a Leff (2003), se comprende más fácilmente el objeto del subcampo de la Historia Ambiental, por lo que no es. No es la historia del ambiente, no se agota en problematizar la construcción histórica de las ideas sobre la naturaleza y lo natural, tampoco es la historia del pensamiento y de las prácticas ecológicas, ni es una catarsis bien intencionada de los perjuicios ambientales del devenir humano. Es, sin embargo, una deconstrucción de las ideas modernas y posmodernas que evidencian cómo corrientes de pensamiento como el marxismo, el cristianismo y otras religiones monoteístas comparten la visión de excepcionalidad humana, la instrumentación funcional de todo lo no humano y por ello no merecedor de teología, de dogma y de historiografía.

El pensamiento antropocéntrico, propio de la Modernidad, aún constituye el andamiaje principal en los problemas de investigación y en la construcción del conocimiento histórico. La Historia-Ciencia sigue posicionada en la ficción moderna de la separación entre el mundo natural y el mundo cultural, este último como expresión propia de la agencia humana y el primero concebido como un entorno separado y subalterno, de donde se extraen los recursos para satisfacer las necesidades decorrentes de la materialidad de la existencia y al cual pertenecen los demás seres orgánicos e inorgánicos.

Es por ello que la HA tensiona límites epistemológicos de la propia Historia-Ciencia latinoamericana, aferrada al antropocentrismo y al excepcionalismo humano en la construcción del conocimiento histórico y en su reflexión historiográfica que, además de ignorar el impacto de la coexistencia interespecies en su devenir, trata al ambiente como un mero telón de fondo inerte y receptor pasivo de la acción humana (Leff, 2003). Esta forma de hacer historia sigue predominando en los espacios académicos latinoamericanos, que centran sus contribuciones en el análisis histórico del drama humano, en sus dinámicas relacionales, en sus sistemas de ideas y cuando incorporada

alguna preocupación ecologista, a lo sumo analizan la historicidad de la agencia humana a la hora de transformar el entorno natural en recursos que posibilitan su existencia. No dan cuenta de cómo las interacciones de nuestra especie con otras moldean nuestra forma de estar y coexistir; tampoco consideran la explotación especista en favor de las necesidades humanas y en perjuicio de las posibilidades de existir de otras especies, en un espacio físico-biológico con su propio devenir, donde lo humano está contenido y no al revés. En suma, es reconocer animales interactuando con otros animales, el mundo vegetal y el inorgánico, en espacios físicos concretos y climatológicamente moldeados, que componen la biosfera.

Es preciso reflexionar sobre la ficcionalidad de seguir sosteniendo paradigmas iluministas basados en las “grandes separaciones” (Latour, 1994) entre las que aparece el binomio cultura y naturaleza. El planteamiento en forma de binomio entre seres humanos y naturaleza es una manifestación de la creencia en la excepcionalidad humana, pues el *Homo Sapiens*, en cuanto un tipo específico de primate, no está ni por encima ni a la par de la “naturaleza”; es una expresión más y, dentro de ella, un subproducto del ambiente y de las relaciones orgánicas e interdependientes con otras especies, que son inherentes a nuestra condición animal. Los animales humanos y nuestras formas de organización de la vida a lo largo del tiempo, junto con otros seres orgánicos e inorgánicos, somos la naturaleza misma deviniendo (Ferro, 2020).

Desde tal propuesta, uno de los puntos discutidos en las clases es la historicidad con la que se analizan impactos ambientales antropogénicos, los que aparecen ante la percepción pública como un problema contemporáneo, resultante principalmente del proceso de industrialización iniciado en Europa en el siglo XVIII y que se expande desde entonces por el mundo con diferentes ritmos e intensidades, en virtud de los patrones de consumo recientes. Esto es equívoco ya que, como todo ser vivo, nuestra acción entrópica genera huella de carbono a lo largo de toda nuestra existencia como especie, desde hace aproximadamente 200.000 años. Pero como ningún otro ser vivo, la complejidad

de nuestra organización social a lo largo del tiempo alteró de forma tal vez ya irreversible –como lo plantean los apoyadores de la tesis del Antropoceno (Chakrabarty, 2021) – nuestro propio espacio de vida, es decir todos los sistemas terrestres desde la Primera Revolución Agrícola en adelante, sin solución de continuidad.

Metodología pedagógico-didáctica

Los objetivos que nortearon la experiencia pedagógico-didáctica sobre la cual este estudio reflexiona fueron los siguientes:

- identificar características histórico-ambientales del bioma en donde la universidad está situada;
- deconstruir la visión especista y antropocéntrica que percibe a la experiencia humana por encima de otras especies y con la misión de dominar la “naturaleza”;
- reconocer que todo proceso histórico está mediado por contextos ambientales y que el ambiente es un coprotagonista del devenir humano;
- producir debates sobre preocupaciones del presente como la percepción de la crisis ambiental y
- dar cuenta de los pilares de Unila: interdisciplinariedad, plurlingüismo y multiculturalidad a través de estrategias pedagógico-didácticas más inclusivas como el uso de audiovisuales.

En línea con tales objetivos, la planificación de las disciplinas se dividió usualmente en dos bloques. En el primero, el teórico, la docente a cargo introdujo temas, conceptos y métodos de la HA y su importancia para comprender mejor el bioma que contorna la comunidad *unileira* y las marcas que el devenir humano dejó en su territorio – archivo por excelencia de la HA:

El territorio, para muchos, es un “archivo” de sucesos ocurridos a lo largo del tiempo, que van dejando rastros que se superponen en una especie de palimpsesto. Estos rastros se han desarrollado a lo largo del tiempo, lo que nos obligaría a

incluir en nuestra preocupación por las escalas no solo la territorial, sino también la temporal (Reboratti, 2001, p. 87).

De esta forma, estudiantes que, en gran parte, provienen de otros biomas, estados, nacionalidades, pueblos originarios, idiomas, acentos y portando las más diversas pertenencias étnicas, culturales y religiosas pueden conocer mejor un territorio transnacional – como el propio Bosque Atlántico y la Triple Frontera del Paraná (Argentina, Brasil y Paraguay), en donde viven como mínimo 4 años –, así como ocurre también con aquellos estudiantes locales que, a pesar de vivir en el mismo territorio, no tienen un registro ambiental e histórico de él, como el que estructuró la propuesta docente.

En el segundo bloque, los estudiantes presentaron *seminarios* grupales evaluados, dependiendo del tamaño de los grupos (entre 3 y 4 integrantes) y de la matrícula total en la disciplina, para presentar aspectos de los filmes indicados. Foram estimulados por bibliografía y preguntas orientadoras, parte indicada por la docente, parte por su propia iniciativa. Se compartieron y explicaron previamente criterios evaluativos, constantes en el *Plano de Ensino*.

En algunas oportunidades, se realizaron visitas pedagógicas a diferentes espacios de conservación del patrimonio natural, histórico y cultural de la ciudad y región, para visibilizar en el “archivo” territorial, temas discutidos en aulas y materializar aportes teóricos, estrategia especialmente importante con estudiantes foráneos.

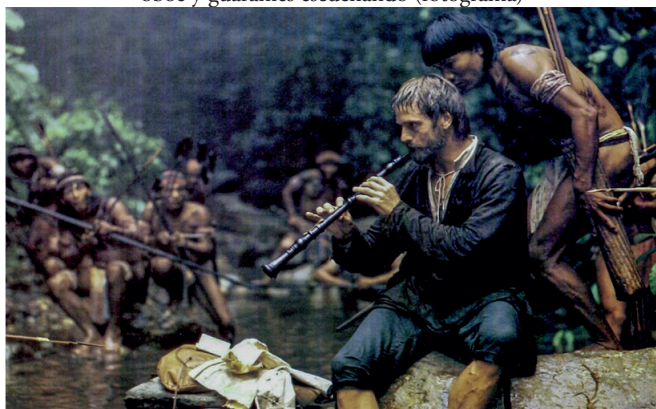
Algunos aprendizajes y reflexiones desde la experiencia en el aula

Más allá de la relación de la construcción narrativa de los filmes con contenidos dictados en las disciplinas mencionadas, en general las películas y otros recursos audiovisuales consiguen contornar, parcialmente, los desafíos de la enseñanza universitaria en contextos escolares plurilingües, más allá del bilingüismo estatutario de Unila – por ello única en su tipo dentro del sistema de educación superior de Brasil. En el aula coexisten,

por lo menos unas diez lenguas efectivamente habladas; además de hispano y lusohablantes, hay una presencia cada vez más expresiva de haitianos y de indígenas de diferentes nacionalidades latinoamericanas.

En ambas piezas filmicas hay pueblos originarios representados, por lo que la selección de tales filmes tuvo la intención de despertar interés en participar de la discusión por parte de los “parientes”, como se denominan entre sí los integrantes de diferentes pueblos originarios. Estas piezas, en especial la primera, por haber transitado exitosamente los circuitos del reconocimiento cinematográfico, son más fácilmente accesibles en la web con subtítulos en varios idiomas, a diferencia de filmes de producción independiente y documentales.

Imagen 5. Padre Gabriel (Jeremy Irons) tocando el oboe y guaraníes escuchando (fotograma)



Fuente: *The Mission* (1986)

The Mission sitúa su acción en las reducciones jesuíticas del Paraguay de 1750, mostrando misiones como San Miguel y San Carlos, en entornos del Bosque Atlántico (*Mata Atlântica*), cerca de las cataratas del Iguazú, por lo que éstas y el propio río Iguazú tienen un rol protagónico.

Imagen 6. Capitán Rodrigo de Mendoza (Robert De Niro) en el río Iguazú (Fotograma)



Fuente: *The Mission* (1986)

La acción se sitúa básicamente en dos escenarios: los poblados guaraníes de las reducciones o misiones jesuíticas de San Miguel – la antigua gran misión – y San Carlos, la nueva, arriba de las cataratas. Durante años algunos críticos alegaron que las misiones representadas en el film eran ficticias una vez que estarían situadas en inmediaciones de las cataratas, donde hoy está ubicado el Parque Binacional Iguazú/Iguazú que las contiene, pero investigaciones recientes, especialmente en el Programa de Posgrado en Historia de esta universidad, evidenciaron, a través del acceso a documentos coloniales y otras evidencias arqueológicas, que en ese lugar existió la Misión de Santa María³ (Oliveira, 2022), hasta el momento identificada como única misión sobre el Río Iguazú, aunque muy probablemente haya existido otra más, según estudios arqueológicos en desarrollo.

³ En ese periodo las Cataratas del Iguazú fueron llamadas por los españoles “Saltos de Santa María”; su nombre en guaraní, probablemente “*Yté Popó*”, aparece en algunos documentos coloniales, según el investigador presente en visita técnica realizada con las *turmas* protagonistas de estas reflexiones a unidades de conservación del patrimonio histórico y cultural dentro del Parque Binacional Iguazú/Iguazú.

Imagen 7. Escena inicial representando el martirio de sacerdotes jesuitas en acciones de evangelización (fotograma)



Fuente: *The Mission* (1986)

Más allá de ser una mirada europea por el origen de su director y equipo técnico, el film, protagonizado por actores británicos y norteamericanos – y que desde la visión de sus críticos sería apologético de la acción jesuítica –, permite identificar a los diferentes grupos en pugna y sus localizaciones en el escenario colonial de la región – encomenderos, autoridades virreinales, religiosos y pueblos originarios – que desembocó en fuertes tensiones como las guerras guaraníticas a consecuencia del Tratado de Límites de 1750. En el film, los jesuitas organizaron el trabajo comunal propio de la cultura guaranítica alrededor y dentro de las misiones para incorporar escala comercial a cultivos originarios – como el de la yerba mate – y a otros exóticos introducidos por los europeos. Utilizan como estrategia evangelizadora rasgos culturales comunes a europeos y guaraníes como la musicalidad, simbolizada en las escenas del oboe del padre Gabriel con escucha atenta de los guaraníes (Imagen 5) y la escena donde un niño guaraní canta ante las autoridades coloniales (47’). Eso permitió analizar la importación cultural de instrumentos musicales y formas de canto, entre muchos otros aspectos.

Así presentado, este terreno fértil para el sincretismo artístico se extendió también a la religión, resultando su fusión en una corriente artística original: el barroco jesuítico-guaraní, muy presente tanto en

ruinas como en iglesias católicas “activas”, especialmente en territorios del actual Paraguay. Este fue uno de los asuntos abordados en las disciplinas, tanto por la docente como por grupos, que utilizaron fotogramas del filme y materiales audiovisuales complementarios para dar cuenta de las interacciones entre ambiente, historia, religión y arte.

En ambos filmes – y con auxilio de Cronon (2012) – se puede observar cómo el colonialismo alteró drástica y dialécticamente las relaciones de las sociedades humanas originarias y conquistadoras con el ambiente en los actuales territorios americanos y, en particular, en la región recortada para la observación. Esa alteración se dio especialmente en el aspecto ecológico, por las “biotas portátiles” (Crosby, 2011, p. 280), una designación colectiva para la corporalidad y las circunstancias biológicas de los europeos y todos los organismos que ellos cargaron consigo, navegando entre Europa y las Américas, en uno y otro sentido, desde finales del siglo XV. Ellos introdujeron a los biomas americanos millares de especies animales y vegetales, así como agentes patógenos causantes de devastadoras epidemias entre pueblos originarios (Noble; Lovell, 1992). Los films también muestran cómo se impulsó la implantación del cristianismo en las Américas.

Las especies animales y vegetales introducidas con fines de producción y consumo, así como de transporte y arma de guerra, en el caso del caballo, no son oriundas solo de biomas europeos sino también de Asia y África, donde españoles, portugueses –así como británicos, holandeses y franceses entre otros – dominaban colonialmente los territorios. En sentido inverso, aunque en menor cantidad, especies nativas fueron introducidas en biomas europeos y en sus dominios en otros continentes. Este “imperialismo ecológico” (Crosby, 2011) impactó profundamente el ambiente local, considerándose – sólo a manera de ejemplo entre tantos posibles – los efectos, en los paisajes platenses, del ingreso y la expansión descontrolada del ganado bovino y de las especies de pasturas introducidas *ad hoc* para su alimentación.

Imagen 8. Fotograma de escena de *Zama* (2017) en el bioma chaqueño



Fuente: IMDb (2017)

También los conquistadores movilizaron especies animales y vegetales entre biomas americanos, alterando los ecosistemas en forma dramática. En *Zama* pudimos visibilizar especies de diferentes biomas sudamericanos deambulando e interactuando con los personajes humanos, como se advierte en el fotograma siguiente, donde una llama andina co-protagoniza escenas en un ambiente platense. El uso del sonido “ambiente” de *Zama*, que llamara la atención de estudiosos de la obra de Martel (Rivas, 2024), fue notado también en los análisis hechos en clases y ponderado como una estrategia para “meter” el ambiente en la trama, introduciendo sonidos de animales y fenómenos climáticos en las escenas. Especialmente marcantes resultaron los sonidos del urutaú (*Nyctibius griseus*), ave considerada agorera por muchas culturas locales.

Imagen 9. Fotograma de escena con llama andina y Don Diego de Zama (Daniel Jiménez Cacho)



Fuente: IMDb (2017)

La historia narrada filmicamente de Don Diego de Zama, un funcionario colonial en decadencia, sobre la base del libro adaptado de Antonio Di Benedetto publicado en 1956, se configura como una contra-historia de la colonización en la que los saberes locales y las voces indígenas emergen como protagonistas, en un escenario colonial menos polarizado entre buenos y malos como en *The Mission*. Con *Zama* fue plausible conectar el mestizaje forzado con la desconexión ambiental, ya que las tribulaciones del protagonista y sus circunstancias facilitaron también la reflexión sobre la alienación ecológica del grupo humano “exótico” proveniente de otros biomas, climas y culturas. Por ejemplo, los representantes europeos y criollos en la sociedad colonial implantada en el contexto rioplatense se presentan inadecuadamente vestidos respecto a las características climatológicas del ambiente, en contraste con la indumentaria de integrantes de pueblos originarios.

Imagem 10. Izq. Zama y Luciana Pilares de Luenga (Lola Dueñas).
Der. Emilia (María Villar)⁴, concubina indígena de Zama con su
hijo, junto con otras mujeres y niños originarios (fotogramas)



Fuente: IMDb (2017)

Surgió en las discusiones en clase la forma en que son representadas las mujeres europeas e indígenas en ambos films, advirtiéndose que en *The Mission* hay más “recato” que en *Zama* en los planos de mujeres,

⁴ Según lo informado por la producción, participantes indígenas del film *Zama* no serían actores profesionales. María, quien interpreta a Emilia, concubina del personaje protagonista, sería integrante de una comunidad guaraní de la Provincia de Misiones, Argentina. Del mismo modo ocurrió en *The Mission*.

especialmente indígenas, por su desnudez. También el enfoque del tema religioso cristiano es más marcado en la primera que en la segunda película, ya que en *Zama* la religiosidad está más enfocada en las expresiones sincréticas y se presenta más “laica” en su hilo argumental. En ese aspecto, se debatió sobre el hecho de ser hombre el director del primer film y mujer la del segundo; también se consideraron las temporalidades de ambas realizaciones: la conservadora década de los 80 del siglo XX enmarcando la obra de Joffé y el clima cultural más contemporáneo en el film de Martel, realizado en la segunda década del siglo XXI.

La forma de caracterizar a los pueblos originarios por parte de ambos filmes también fue discutida, evidenciándose en *The Mission* una clara alusión a los guaraníes. En *Zama*, hay representación de elementos culturales de distintos pueblos originarios – incluidos los guaraníes – lo que motivó comparaciones de vestimentas y otros elementos con estudiantes indígenas, tanto brasileiros como de otros países latinoamericanos matriculados en las *turmas*.

Imagen 11. Fotogramas de escenas con indígenas, *Zama* (2017)



Fuente: IMDb (2017)

La cuestión racial en la situación colonial aparece más representada en *Zama* que en *The Mission* donde el conflicto se centra en la expulsión de los jesuitas de territorios latinoamericanos, ordenada por

las coronas española, portuguesa y francesa y ejecutada por las autoridades coloniales, con la conformidad de otras órdenes religiosas y de algunos liderazgos guaraníes (Piciulo, 2014).

Imagem 12. Padre Gabriel (Jeremy Irons) y guaraníes en tramos finales de *The Mission*



Fuente: Créditos en la imagen

En *Zama*, la jerarquía racial en el sistema colonial y la violencia implícita es expresa con personajes afrodescendientes en situación de esclavitud, en la trama argumental representada. En la imagen siguiente aparece el personaje de una esclava doméstica a la que se le habrían desollado los pies para impedir su huida, situación documentada en numerosos casos a lo largo de las Américas.

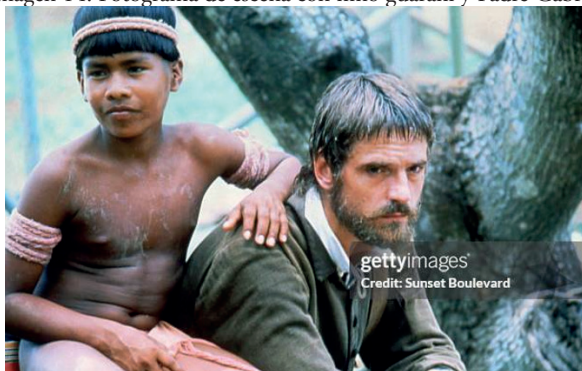
Imagem 13. Fotograma de escena con los personajes de Malemba y Luciana Pílares de Luenga (busto)



Fuente: IMDb (2017)

En ambos filmes la presencia de niños en destaque es análoga a la capacidad de resiliencia del medio natural al que pertenecemos como especie y la renovación de los ciclos de vida y muerte, característica que compartimos con los demás seres vivos con los que coexistimos en el planeta. En *The Mission*, la importancia dada a los niños en la narrativa también tiene que ver con la sintonía entre la infancia y las ideas de pureza espiritual y moral, objetivos caros a la acción de las órdenes religiosas en su acción de evangelización, en el marco de la expansión global del cristianismo, aupado en la expansión imperial europea. En *Zama* los niños aparecen vinculados a escenas de eventos sobrenaturales, de carácter mágico.

Imagen 14. Fotograma de escena con niño guaraní y Padre Gabriel



Fuente: Créditos en la imagen

Imagen 15. Fotograma de escena inicial de *Zama* con niño que recita alabanzas al personaje protagonista



Fuente: *Zama* (2017)

La realización de ambos films se hizo en escenarios geográficos y con personajes que remiten a los dominios luso e hispánico de los territorios representados, especialmente en *Zama*, ya que “su trama se desarrolla en el gobierno y la intendencia del Paraguay en la década de 1790. Tierra de misión y frontera entre los imperios español y portugués” (Castejón, 2022, p. 17). Ello posibilitó una mayor familiaridad lingüística y cultural con la propuesta narrativa de los films por parte de los estudiantes locales, de una universidad también transfronteriza, enclavada análogamente en escenarios culturales luso, hispano y guaranihablantes, predominantes entre otras muchas lenguas. De hecho, en *Zama* hay diálogos también en portugués y representación de personajes como los *bandeirantes*⁵, interpretados por actores brasileiros como Matheus Nachtergaele, rápidamente reconocidos por estudiantes brasileños, especialmente paulistas.

Consideraciones finales

De Roland Joffé y *Zama* (2017), de Lucrecia Martel, en la enseñanza universitaria de la Historia Ambiental. Ambos filmes recrean narrativas de procesos históricos ocurridos en el período colonial, segunda mitad del siglo XVIII, en la Cuenca del Plata, propiciando el análisis sobre la relación entre naturaleza, poder, cultura y colonialismo. El film de Joffé interpreta el rol de los jesuitas en las reducciones guaraníes en el contexto de su expulsión de los dominios coloniales por orden de las coronas europeas católicas, mostrando el conflicto entre autoridad eclesiástica, burocracia colonial, encomenderos y pueblos originarios. Por su parte, *Zama* es una versión adaptada de la novela homónima de Antonio Di Benedetto (1956) y despliega una visión crítica y subjetiva del sistema colonial en el Virreinato del Río de la Plata, explorando la alienación y separación del individuo de su entorno natural, relacional y social a través de la mirada de un burócrata

⁵ Función que tuvo equivalentes en el mundo colonial hispánico, representado por el personaje del Capitán de Mendoza antes de su redención en *The Mission* (Imagen 4).

hispano-criollo, con una narrativa que propicia identificar la inestabilidad política, social y ambiental intrínseca a este tipo de procesos históricos. Los *films* seleccionados, al combinar enfoques históricos, literarios y estéticos facilitaron la reflexión sobre sociedades humanas en etapas históricas específicas, desde las preocupaciones ambientales del presente. También se revelaron desafíos para la utilización del cine como recurso didáctico ante los rápidos cambios en las TIC, que moldean una inédita sociabilidad, estilos de comunicación y formas de aprender de las nuevas generaciones.

Si toda historia tiene por finalidad ser historia enseñada, toda historia “investigada” se justifica cuando transita en aulas y participa de debates colectivos extraeducacionales. Es interesante discutir las diferentes pretensiones de validez que ante la opinión pública distinguen la producción de conocimiento histórico profesionalizada en relación con lo que representa el cine, sea ficcional o documental. Con ayuda de proposiciones de Ricoeur, pudimos interrogarnos sobre las pretensiones de validez y “objetividad” de la producción de conocimiento histórico en la “lectura cinematográfica del pasado” que propone el cine como fuente histórica – en palabras de Marc Ferro (1992), tan narrativa, interpretativa y situada política y epistemológicamente como en su producción textual. Sobre la explicitación del marco teórico y de las técnicas metodológicas para indagar las fuentes primarias y secundarias, propias de la Historia-Ciencia, el cine no precisaría *prima facie* de ese tipo de validación, lo que no lo hace menos posicionado y subjetivo respecto al conocimiento histórico producido en contexto académico.

Si bien el uso de los films estimuló a los estudiantes a analizar cómo la cultura y el poder son resultantes de las formas de relacionarse entre sí, con otras especies y con el ambiente, los mismos avances de las telecomunicaciones y dispositivos de creación y consumo audiovisual producen nuevos giros en su consumo que hacen más complejo el uso de films como recursos didácticos. Se percibió en semestres finales la creciente resistencia de los estudiantes a tener que ver y analizar films tan “largos”, que algunos de ellos calificaron como lentos y tediosos, por lo

que parte significativa de ellos recurrió al atajo de críticas publicadas en la web para dar cuenta de los ejercicios solicitados. La lógica Tik-Tok, tan masiva entre los más jóvenes que llegan a la universidad, imprime la necesidad didáctica de “trozar” los films en pedazos de no más de 3 minutos para que puedan ser más “digeribles” para uso en aulas con nativos digitales. Con ello, se pierden muchas posibilidades de dialogar pedagógicamente con las narrativas y elementos estructurales de las obras.

Por otro lado, sigue vigente la necesidad de seguir trayendo a las aulas, con variadas estrategias y formatos didácticos, discusiones que se originan en la creciente percepción pública de una crisis en la forma de relacionarnos con el ambiente, que nos posibilita la vida a los humanos y al conjunto de seres orgánicos, en mutualidad e interacción, desde múltiples perspectivas disciplinares – y especialmente desde la Historia Ambiental, un campo disciplinar en crecimiento en América Latina y que tiene el potencial para ayudar a pensar, junto con los diferentes grupos sociales del presente, sobre cómo llegamos hasta aquí.

Referências

BÁCARES JARA, C. Cinema and education: a history of the discourses in favor of cinematography in schools. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, n. 48, e121475, 2023. Disponible en: <https://www.aacademica.org/camilo.bacares.jara/27.pdf>. Acceso en: 19 feb. 2026.

BUCKINGHAM, D. **Media education: literacy, learning and contemporary culture**. Cambridge: Polity Press, 2003.

CHAKRABARTY, D. **Reescribir la historia después del antropoceno**. Santiago de Chile: Ediciones Mimesis, 2021. Disponible en: <https://edicionesmimesis.cl/index.php/2021/02/19/reescribir-la-historia-despues-del-antropoceno-entrevista-con-actuel-marx/>. Acceso en: 9 feb. 2026.

CRONON, W. **Los usos de la historia ambiental** [1993]. Trad. A. Raffo y M.F. Suárez. New Jersey: American Society for Environmental History, 2012. p. 27-43. Disponible en: http://www.huellasdeeua.com/ediciones/edicion3/3_Cronon_p.27-43.pdf. Acceso en: 9 feb. 2026.

CROSBY, A. **Imperialismo ecológico**. A expansão biológica da Europa 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

- DALE, E. **Audiovisual methods in teaching**. New York: Dryden Press, 1969.
- DEAN, W. **A ferro e fogo**. A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DI BENEDETTO, A. **Zama** [1956]. Córdoba: Editora Adriana Hidalgo, 2009.
- FERRO, M. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FERRO, S. L. Aportes da História Ambiental à História Agrária da Bacia do Prata, primeira metade do século XIX. Uma proposta pedagógico-didática. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 1-17, 2020. DOI: 10.15448/2178-3748.2020.2.37825.
- CASTEJÓN, Ph. Entre el abandono y la merced: el gobierno del Paraguay de Diego de Zama, contexto histórico de finales del siglo XVIII. **Pandora: Revue d'études hispaniques**, París, n. 17, p. 15-30, 2022. Disponible en: https://hal.science/hal-04233723v1/file/pandora_17.pdf. Acceso en: 9 feb. 2026.
- JOFFÉ, R. (dir.). **The Mission** (La Misión). Goldcrest Films, 1986. 1 filme. (125 min), son., color.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Ensaio de Antropologia Simétrica [1991]. Trad. C.I. da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LEFF, E. **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.
- OLIVEIRA, P.L.C. **A Missão de Santa Maria do Iguaçu**: Trajetória e relações de contato. 2022. 436 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.
- MARTEL, L. (dir.). **Zama**. Buenos Aires: Bananeira Filmes *et al.*, 2017. 1 filme (115 min), son., color.
- NOBLE, D.C.; LOVELL W.G. (eds). **Secret judgements of God**. Old World Disease in Colonial Spanish America. USA: University of Oklahoma Press, 1992.
- PICIULO, V. S. *I Gesuiti americani espulsi in Italia e Joaquín Camaño (1767-1814)*. Tesi (Dottorato in Storia del Cristianesimo e delle Chiese) – Alma Mater Studiorum, Università di Bologna, Bologna, 2014. Disponível em: https://amsdottorato.unibo.it/id/eprint/6492/1/Piciulo_VivianaSilvia_Tesi.pdf. Acesso em: 23 abr. 2026
- REBORATTI, C.E. Una cuestión de escala: sociedad, ambiente, tiempo y territorio. **Sociologías**, Porto Alegre, n. 5, p. 80-93, 2001. Disponible en: <https://www.scielo.br/j/soc/a/fVrjxvTcLjxSDGYn7RjCtNL/?format=html&lang=es>. Acceso en: 20 feb. 2025.

IVAS, M. L. Sentir las vibraciones del pasado: La reinención de los sonidos silenciados en *Zama* de Lucrecia Martel. **La Cifra Impar**, Buenos Aires, n. 3, p. 44-67, ago. 2024. Disponible en: <https://www.lacifraimparrevista.ucine.net/index.php/principal/article/view/48>. Acceso en: 9 feb. 2026.

SILVA, H.P.; RODRIGUES-CARVALHO, C. Apresentação. A busca dos primeiros americanos. In: SILVA, H.P; RODRIGUES-CARVALHO, C. (org.) **Nossa origem**: povoamento das Américas, visões multidisciplinares. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006. p.11-18.